

Entre a profecia e a liberdade: alguns escritos de Ellen White

Albert Santos Cunha²⁷

Cleudson da Silva Nunes²⁸

João Marcos de Santana Santos²⁹

Rafael Magalhães Santos³⁰

Ldo. Lucas Mendes Almeida - Orientador³¹

Resumo

O presente trabalho busca analisar os escritos de Ellen Gould White antes e durante a guerra de secessão, em seu posicionamento em relação a abolição, extensão do período da guerra, a ênfase em favor da união em detrimento da supressão do escravagismo. Neste panorama é considerado o momento histórico oitocentista estadunidense no que se refere a política, religiosidade e sociedade. Foram analisados os relatos de Testemunhos para igreja volume 9, produzido pela escritora, como elementos básicos e norteadores da pesquisa, tendo como referencial teórico para interpretação os profícuos historiadores Heberth Douglas (2009), Denis Fortin, Jerry Moon (2018) e Richard W. Schwarz (2000), somando-se Peter Eisenberg (1982), Leandro Karnal (2007) e José Murilo de Carvalho (1999) para melhores ponderações da história. Cabe salientar que tal investida é razoável pela importância do papel profético da autora para os adventistas do sétimo dia e, também, pela relevância histórica da abolição estadunidense para emancipação de uma enorme parcela de pessoas da sociedade que viviam em situação degradante.

Palavras-chave: Abolição. Religião. Ellen White.

Abstract

This paper seeks to analyze Ellen Gould White's writings before and during the War of Secession, her position on abolition, the length of the war period, and her emphasis on unity over the suppression of slavery. This panorama considers the historical moment of the 1800s in the United States in terms of politics, religiosity and society. The accounts in Testimonies for the Church Volume 9, produced by the writer, were analyzed as the basic and guiding elements of the research, using the prolific historians Heberth Douglas (2009), Denis Fortin, Jerry Moon (2018) and Richard W. Schwarz (2000) as theoretical references for interpretation, in addition to Peter Eisenberg (1982), Leandro Karnal (2007) and José Murilo de Carvalho (1999) for better historical considerations. It's worth noting that such an onslaught is reasonable given the importance of the author's prophetic role for Seventh-day Adventists and also because of

²⁷ Estudante do 2º ano B do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia (CAB).

²⁸ Estudante do 2º ano B do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia (CAB).

²⁹ Estudante do 2º ano A do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia (CAB).

³⁰ Estudante do 3º ano A do Ensino Médio do Colégio Adventista da Bahia (CAB).

³¹ Graduado em licenciatura em História pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, professor do CAB.

the historical relevance of American abolition for the emancipation of a huge number of people in society who lived in degrading situations.

Keywords: Abolition. Religion. Ellen White.

Introdução

Após fracassadas tentativas de ocupação, iniciadas desde o reinado de Elizabeth I (1533-1603), os ingleses puseram os pés em solo que mais tarde originaria as 13 colônias inglesas na América. Em 1606, o rei Jaime I outorgou uma carta para colonizar o território comumente denominado Virgínia a um grupo de mercadores de Londres e Plymouth. Fundaram-se duas Companhias da Virgínia, a Companhia de Londres (Virgínia do Sul) e a companhia de Plymouth (Virgínia do Norte).

Jaime, pela graça de Deus, Rei da Inglaterra, Escócia, França e Irlanda, defensor da fé[...], [...] Lhes concedemos nossa licença para fazerem habitação, plantação e iniciarem uma colônia de vários representantes do nosso povo nessa parte da América, comumente denominada Virgínia, e em outras partes e territórios da América, ou que nos pertençam ou que não estejam realmente na posse de nenhum Príncipe ou Povo cristão [...]³²

Curiosamente, a formação dos estados americanos enquanto colônias foge à regra quando comparado às demais relações coloniais anteriormente vigentes. O mundo presenciava nações colonizadoras fazendo uso de mecanismos estatais para subjugar outros povos e explorar seus territórios. Entretanto, o Reino da Inglaterra, ao conceder licença às contratantes, utilizou uma espécie de "terceirização" colonial, que ficaria ao encargo de companhias privadas, e estas, por sua vez, submetem-se ao Estado Inglês.

Em grupos corajosos os primeiros colonos britânicos chegaram ao rude e novo continente. Os navios comandados por Christopher Newport entraram em Hampton Roads em 13 de maio de 1607, trazendo apenas homens (NEVINS; COMMANGER. 1986. p.26).

³² B. P. Poore, organizador. The Federal and State Constitutions, Colonial Charters, and Other Organic Laws of the U.S. [A Constituição Federal e as Constituições Estaduais, as Cartas Coloniais e outras leis Orgânicas dos Estados Unidos] (Segunda edição, Washington, D.C.: Imprensa do Governo, 1878), II, 1888 e seguintes.

Ao chegarem ao novo território, os colonos passaram a desenvolver atividades econômicas principalmente ligadas à metrópole.

A agricultura desenvolvia-se lentamente; em 1612, John Rolfe começou a cultivar tabaco, e como este obtivesse altos preços no mercado de Londres, todos o imitaram, a tal ponto que até mesmo na praça do mercado foi plantado tabaco. (NEVINS; COMMANGER. p.26).

Com o passar do tempo, o norte passa a abrigar colônias principalmente de povoação, ganhando destaque a formação de um importante centro comercial na cidade da Filadélfia. O sul, por sua vez, dá espaço ao desenvolvimento de colônias de exploração, constituídas a partir da produção agrícola em sistema de *plantation*: monocultura trabalhada por mão de obra escrava, em grandes propriedades e destinadas à venda no mercado europeu.

As características distintivas das colônias do Sul, e particularmente da Virgínia e da Carolina do Sul, eram três. Sua vida era quase exclusivamente rural, sendo Charleston e Baltimore as únicas cidades de importância, ainda que pequena; a posição proeminente que tinham as propriedades, com grande quantidade de escravos, mansões imponentes e uma vida de ostentação; e a pronunciada estratificação da sociedade em classes. Entre os brancos, a classe superior era composta de latifundiários prósperos e frequentemente aristocráticos, que fornecia uma liderança política singularmente hábil; a classe média era composta de pequenos proprietários, fazendeiros e alguns comerciantes, pequenos industriais e artífices; enquanto a classe inferior era composta pelos empregados rurais e brancos pobres (NEVINS; COMMANGER. 1986. p.57).

Mesmo após a Revolução de Independência Americana, declarada em 4 de julho de 1776, os recém-formados Estados Unidos da América mantiveram, principalmente em suas unidades federativas do Sul, a mancha da realidade escravocrata. Entre 1820 e 1860, mais de 875 mil escravos foram carregados por terra, rios e mar entre as regiões exportadoras de cativos do Upper South e as novas fronteiras escravistas do Lower South³³.

Se incluirmos os movimentos das três décadas anteriores a 1820, como faz o historiador Michael Tadman³⁴, o número passa de 1 milhão (Tadman, 1989, p. 6-7,

³³ Upper South e Lower South se referem às zonas de exportação e importação de cativos, com suas transformações ao longo do tempo. Ao longo da primeira metade do Oitocentos, estados como Kentucky, Tennessee e as Carolinas do Norte e do Sul passaram de importadores a exportadores de cativos. Enquanto isso, novos estados como Mississippi, Louisiana e Texas se tornavam destinos cada vez mais centrais para os movimentos interestaduais de escravos.

³⁴ Michael Tadman é professor de história econômica e social na Universidade de Liverpool.

11-43). A quantidade de indivíduos deslocados entre as duas regiões foi maior que o dobro - na verdade, quase três vezes o número das diversas etnias africanas desembarcadas diretamente no país durante todos os séculos anteriores.

Tadman (1989) torna explícito que tanto escravistas quanto abolicionistas construíram uma série de mitos em torno do comércio de escravos. No caso de abolicionistas, a imagem de que estados como Virgínia e Maryland teriam se especializado na criação de escravos (slave-breeding) para abastecer as fronteiras escravistas do Lower South, com fazendas dedicadas à atividade (stud farms), entra em conflito com a bibliografia que demonstrou a existência de famílias e comunidades escravas (Tadman, 1989). Por outro lado, o tráfico de escravos era um elemento difícil de ser defendido abertamente, e sulistas preferiam enfatizar o bem-estar de sua população escrava em comparação aos trabalhadores livres de cidades industriais. Diante de acusações mais diretas, minimizava-se o comércio de escravos (Tadman, 1989).

É fato que, desde o início da colonização a população escrava cresceu exponencialmente.

[...] os escravos, [...] por volta de 1770, na Virgínia, eram em número pouco inferior à metade da população total de 450 mil habitantes, em Maryland um terço da população de quase 200 mil, e na Carolina do Sul superavam os brancos na proporção de dois para um. (NEVINS; COMMANGER. 1986. p.57).

Tal crescimento, associado ao declínio na produção de tabaco, contribuiu para a formação de uma população excedente de escravos.[...] a região de Chesapeake, principal zona escravista durante a era colonial, encontrava-se em uma situação delicada, com o declínio de sua produção de tabaco e uma enorme população excedente de escravos. (Tadman, 2000; Krause, 2012).

Em 1807, um ano antes de expirar o prazo que proibia a intervenção federal no tráfico negreiro, foi estabelecida a lei que aboliu formalmente o tráfico transatlântico de escravos (implementada a partir de 1 de janeiro de 1808), em votação quase consensual na Câmara, com 113 votos a favor e 5 contra. Um contrabando negreiro de baixo volume emergiu, em grande medida associado ao curso que se expandia no contexto das guerras napoleônicas e, em um segundo momento, dos movimentos de independência da América espanhola. Estimativas são de que menos de 10 mil cativos foram ilegalmente introduzidos no país entre 1808 e 1820.

Enquanto isso, o tráfico interestadual de escravos se consolidava no Sul do país, gerando uma crescente convergência de interesses econômicos entre Upper South e Lower South. Tal aproximação levaria à construção de uma política para estabilizar o comércio costeiro - incluindo de escravos - do Sul dos Estados Unidos, constantemente prejudicado pela ação de corsários e contrabandistas. Conseqüentemente, novas medidas foram tomadas entre 1818 e 1820 visando tanto ao fim da pirataria quanto ao fortalecimento das políticas contra o trato negreiro. Os piratas foram executados a partir de 1819, e a participação no tráfico se tornou crime de pirataria a partir de 1820. (Marques, 2016, p. 95-101). A esta altura, o tráfico transatlântico de escravos fora proibido. Entretanto, o tráfico interestadual, associado a demais conflitos de interesse entre os estados americanos, principalmente no que diz respeito às regiões do Norte (aboliconistas) e do Sul (escravagistas), dariam ímpeto, em 1861, ao que certamente foi uma das maiores manchas da história estadunidense: A Guerra Civil Americana.

Emancipação e Conflito

Como um filho do velho mundo, emanado da miscigenação de profusas culturas e costumes, primariamente planejado para se tornar um marco na história, segundo Davidson, 2015. p. 17 "Os Estados Unidos emergiram da obscuridade para a história apenas há cerca de quatro séculos. É a mais nova das grandes nações, mas em muitos aspectos a mais interessante" ali naquele imenso continente nasceu o que muitos hoje chamam de maior potência mundial. Porém, na imensidão dos seis séculos de história desse país podem ser encontradas marcas sangrentas e vergonhosas que não podem ser apagadas da cronologia da humanidade (DAVIDSON, 2005).

Nesse contexto, em que se encontravam extensos pedaços de terra extremamente ricos em matéria prima prestes a serem desbravados por colonos ingleses que se adaptaram muito bem às condições climáticas e geográficas da nova Inglaterra, segundo James West Davidson em na (2005, p. 22) "Os europeus poderiam se estabelecer na maior parte dessa área sem qualquer processo doloroso de adaptação" em poucas décadas já haviam se formado várias colônias e em apenas 263 anos como escreve os historiadores Allan Nevins e Henry Steele: "o que começara como uma guerra pelos "direitos dos Ingleses" e pela reparação de injustiças tornou-se, em pouco mais de um ano, uma guerra pela independência" (Davidson, 2005). "Independência essa carregada pela insatisfação dos colonos contra a Inglaterra, para que enfim no dia 4 de julho de 1776 sendo proclamada pelo congresso.

O movimento para independência uniu todo país em uma única causa: um aparente estigma de homogeneidade política. Após o fim da guerra da independência em 1783, com o decorrer dos anos, mais nítida ficava a separação de dois diferentes “mundos”, com idéias divergentes: o norte e o sul, que antagonizam propostas políticas e econômicas. Mesmo que eventualmente, os nortistas tenham um realce mais favorável de protagonismo e altruísmo, esses dois mundos não possuíam diferentes visões sobre os negros (Davidson, 2005).

A futura guerra não viria como uma novidade, as divergências entre as duas regiões perduraram por algumas décadas, políticos de ambos os lados encontraram maneiras de contornar ou adiar estes conflitos, até que não fosse mais possível. Dentre essas dissidências, é válido destacar quatro delas. Em 1828, o então presidente John Quincy Adams aprovou uma lei que impõe taxas sobre produtos manufaturados e matérias-primas importadas para os Estados Unidos, passou a ser chamada de Tarifa das abominações porque isso fortalecia o Nordeste e o Ocidente. Porém, teve um severo impacto no Sul já que sua economia se baseava no algodão. Essa lei durou até 1832, em que houve uma assembleia onde foi aplicada uma revisão da lei que favorecia o sul reduzindo e eliminando algumas medidas, contudo não foi o suficiente para satisfazer as suas exigências, até que eventualmente a tarifa tanto de 1828 e de 1832 fossem anuladas (Eisenberg, 1982).

Para as terras conquistadas ou compradas o Governo Federal pôs preços elevados como forma de arrecadação de fundos, esses sendo pagos à vista ou com 50% de entrada. Os nortistas viam isso como uma ótima oportunidade a vista que as terras do Oeste eram de fácil aquisição, também eram contra que terras pobres fossem mais pobres e que forasteiros pudessem ter posse. Em contraposição a eles existiam alguns pequenos proprietários do norte que apoiavam a terra barata porque viam oportunidade de formar fazendas a oeste. Assim surgiu em 1840 o Partido do solo gratuito que reivindicava a distribuição de terras públicas gratuitas. O sul também apoiava essas reivindicações pois apostaram na ideia de que o Oeste teria terras boas para suas lavouras (Eisenberg, 1982).

Com o centro de finanças que distribuía ao país inteiro o seu capital sendo localizado no nordeste, trouxe o descontentamento de alguns, o país estava investindo em redes de locomoção com estradas, portos e canais, todas essas coisas providas pelo Governo Federal. Para o Norte e Oeste era muito vantajoso investir nisso, já que isso abriria novos mercados e ampliaria os lucros. Porém, os fazendeiros do sul não tinham tanta confiança sobre os benefícios que isso traria já que o sistema fluvial fazia com que o transporte terrestre não fosse tão importante (Eisenberg, 1982).

Desde a formação dos estados unidos como país Independente este assunto sempre geraria fervorosos conflitos em todos os debates políticos, principalmente por conta das políticas do sul e do sentimento moralista do norte, no decorrer desses 85 anos diversos acordos foram feitos, nos quais alguns determinavam que escravos fugitivos que chegassem a territórios abolicionistas deveriam ser devolvidos aos seus "donos" ou o escravo sendo equivalente a três quintos de um livre, como forma de lidar com questões tributárias e eleitorais (Davidson, 2005; Karnal,2007).

É certo dizer que esse tema vinha sendo tratado como uma questão de vantagens políticas até 1829 em Boston, Massachusetts, onde floresceu o primeiro discurso radical abolicionista, tendo como seu porta voz um homem negro livre que em seu apelo proclamava:

I count my life not dear unto me, but I am ready to be offered at any moment, For what is the use of living, when in fact I am dead. But remember, Americans, that as miserable, wretched, degraded and abject as you have made us in preceding, and in this generation, to support you and your families, that some of you, (whites) on the continent of America, will yet curse the day that you ever were born. You want slaves, and want us for your slaves ! ! ! My colour will yet, root some you out of the very face of the earth ³⁵

O redator William Lloyd Garrison era o líder desse movimento e foi um dos fundadores da Sociedade Americana contra a escravidão na Filadélfia em 1830. Ele passou uma década inteira disseminando propagandas abolicionistas que tinham como seu cerne ideal criticar a imoralidade da escravidão e pôr em evidência o governo e a igreja que eram coniventes com escravocratas. Seus ideais fizeram com que vários outros grupos se manifestassem, promovendo candidatos à presidência, mesmo não tendo tantos votos. Eventualmente, esses partidos foram perdendo cada vez mais força por conta das relações comerciais entre norte e sul e pelo medo dos operários brancos em relação aos negros como novos concorrentes no mercado de trabalho (Davidson, 2005; Karnal,2007).

Com a formação do partido republicano abertamente abolicionista, indo contra a principal força de trabalho do sul e a chegada de Abraham Lincoln na presidência

³⁵ David Walker, *An Appeal to the Colored Citizens of the World* (Boston: 1830), 3-4, 73, 84, 86. Available through Documenting the American South, University of North Carolina at Chapel Hill.

Não considero a minha vida preciosa para mim, mas estou pronto para ser oferecido a qualquer momento, Pois qual é a utilidade de viver, quando na verdade estou morto. Mas lembrem-se, americanos, que por mais miseráveis, desgraçados, degradados e abjetos que nos tornaram na geração anterior, e nesta geração, para vos sustentar a vós e às vossas famílias, alguns de vós, (brancos) no continente da América, ainda amaldiçoarão o dia em que nasceram. Vocês querem escravos e querem-nos como vossos escravos! ! ! A minha cor ainda vos vai arrancar da face da terra.

em 1861 faz com que todos esses desgastes eclodam em uma guerra civil com um ataque dos secessionistas ao Forte Sumter, fazendo com que Lincoln se sinta obrigado a iniciar uma guerra civil.

História e Religiosidade

Com as mudanças políticas no panorama americano, grandemente influenciado pelo período presidencial de Andrew Jackson, duas décadas antes, houve uma transformação significativa no imaginário estadunidense, da superior dominação social do pensamento iluminista, que visa progresso, em direção para a intuição e relação com o mundo natural, que na prática, favorecia ao homem do campo e sua sabedoria (KARNAL,2007).

Essa preponderância é em parte de um novo despertar religioso americano, acontecido por volta de 1820 até meados de 1849, fatia considerável do movimento tinha um apelo para a emoção, principalmente na parte norte das colônias do sul, enquanto que no norte tinha uma prática mais alinhada com pensamento puritano e intelectualizado. Esse grupo heterogêneo se emancipando de uma série de igrejas tradicionais, realizavam seus cultos em grandes e itinerantes tendas, enfatizando o retorno de Cristo e outros aspectos doutrinários (WALKER, 2006).

Cabe salientar que a membresia dessas igreja que estavam em trânsito, vinham de denominações que mantiveram por tempo considerável posição pró abolição, por tempo considerável não houve manutenção dessa posição como ressalta o historiador Justo González (2011,p.382):

A essa prática se opunham os Amigos, que em 1776 expulsaram do sei as pessoas que insistiam em ter escravos; os metodistas, que em sua conferência de Natal de 1784 organizaram a igreja americana e excluíram dela os donos de escravos; e os batistas, que não tomaram medidas semelhantes, por carecer da organização necessária para tal, más sustentavam posturas abolicionistas(GONZÁLEZ, p. 382. 2011).

Às vésperas da guerra civil, o cenário religioso americano intensificou a polarização, as divergências entre a propostas de abolição separavam radicalmente os grupos religiosos. Instituições representativas e históricas, como batistas, metodistas e presbiterianos se articulam em novas denominações ao sul e ao norte. Em seus púlpitos, havia uma teologia prol ou contra abolição. Os que tencionam para permanência, alegavam evangelização por meio da escravidão, marca de Caim, e outras tantas aberrações teológicas. Como herdeiros desse tempo a convenção

batista do sul ainda mantém os dados da maior igreja portestate estadunidense (GONZÁLEZ, 2011).

Essas ponderações apenas destacam com maior ênfase a validade da modificação religiosa acontecia no Séculos XIX, a reforma principalmente na parte norte de centralidade puritana, começa uma transposição do discurso religioso, para práticas políticas, radicalizando o movimento, para questões vitais da política norte americana, como caso de escravatura e sua abolição (GONZÁLEZ, 2011).

muitos convertidos organizaram-se em associações voluntárias para combater o pecado e os males sociais e conquistar o mundo para Cristo. A maioria dos convertidos, cidadãos da classe média, ativos em suas comunidades, procurava ajustar-se ao mundo da nova economia por caminhos que não violassem a moral e os valores sociais. (KARNAL,2007).

Ministério, tendências e opiniões

Ellen Gould White (1827 - 1915) foi uma das maiores influências religiosas do século XIX, sobretudo no núcleo que viria a formar posteriormente a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nasceu no ano de 1827, na cidade de Gorham, estado do Maine, nos Estados Unidos da América. Filha de Roberto e Eunice Harmon, compôs, juntamente com sua irmã gêmea Elizabeth, os 8 filhos do casal.

Posteriormente, a família se mudou para Portland, onde Ellen sofreu um grave acidente que modificou toda a trajetória de sua vida. Sendo o alvo da maldade alheia, recebeu uma pedrada na região do rosto, causando graves danos à sua aparência e capacidade cognitiva. Durante o longo tempo no qual se recuperava, Ellen se apegou mais e mais à Deus, confiante na salvação divina e no perdão de seus pecados.

Comecei nessa ocasião a orar ao Senhor, com o fito de preparar-me para a morte. [...] Desejei tornar-me cristã, e orei fervorosamente pelo perdão de meus pecados. Senti a paz de espírito que disso provinha, e amava a todos, sentindo-me desejosa de que todos estivessem com seus pecados perdoados e amassem a Jesus como eu o fazia. (Testemunhos para a Igreja 1, p. 11).

Logo quando a guerra civil americana se iniciou, Ellen fez uma série de afirmações relacionadas aos motivos por trás do conflito, esclarecendo, por exemplo, que o real motivo pelo qual lutavam não era a abolição da escravatura, e sim pela conservação da União. Indicações como essas foram fundamentais para a formação do posicionamento adventista relativo à guerra, uma vez que, nesse momento, ainda havia certa disparidade de opiniões dentro da igreja em organização.

Como consequência das revelações da irmã Ellen e de outros fatores, primeiramente entre os adventistas do sétimo dia não havia uma urgência ou prioridade para o alistamento, principal questão debatida, quando a guerra se iniciou, pois se ocupavam primeiramente com a pregação do evangelho. Para eles, não havia sentido em perder tempo com questões seculares, quando as religiosas, especialmente se tratando da volta de Cristo, já estavam tão próximas. Ademais, tão significativo quanto o desprezo pela escravidão, era também a vontade dos adventistas de observar e guardar com diligência os mandamentos divinos, incluindo o sexto, que condena o homicídio, e o quarto, que indica o sábado como dia de descanso. Como o serviço militar quase impossibilitava a obediência aos mandamentos em que acreditavam, a recém formada Associação Geral da Igreja Adventista emitiu um breve documento intitulado "O Recrutamento", onde explicavam sucintamente a posição oficial da Igreja como organização.

Tenho a honra de apresentar os documentos em acompanhamento, que mostram que sou o representante devidamente credenciado junto ao Reitor Marechal Geral, da denominação religiosa denominada Adventista do Sétimo Dia, um povo unanimemente leal e antiescravista, que por causa de seus pontos de vista sobre os dez mandamentos e os ensinamentos do Novo Testamento não pode envolver-se em derramamento de sangue, e que, portanto, pedem que as disposições da lei de inscrição de 3 de março de 1863 e de 4 de julho de 1864, destinadas a atender a tais casos, possam ser aplicadas a si mesmos. (ANDREWS, 1864)

Sobretudo durante e após a guerra, pairava sobre toda a comunidade cristã na América a questão de como deveriam encarar os escravos, sobretudo os recém libertos. Nesse contexto, obras como *Our Duty to the Colored People* (Nosso Dever para com As Pessoas de Cor, 1891) e alguns outros escritos mostraram aos adventistas como deveriam ser tratados os afro americanos.

A Questão Abolicionista

Ellen White e boa parte do movimento adventista já demonstrava ocasionais manifestações contra a crueldade e os absurdos promovidos pela escravidão, em certa ocasião chegou até a caracterizar tal prática como *a ruína de nossa nação* (Testimonies, Volume 1 (1862), 255). Mas foi justamente na época em que a guerra estava para eclodir que comentários e denúncias sobre o assunto se tornaram mais frequentes.

Esta cena foi apresentada diante de mim para ilustrar o amor egoísta pela escravidão, e as medidas desesperadas que o Sul adotaria para valorizar a

instituição, e os terríveis extremos a que iriam antes de colheita. O sistema de escravatura reduziu e degradou os seres humanos ao nível dos brutos, e a maioria dos senhores de escravos os considera como tal. As consciências destes mestres tornaram-se cauterizadas e endurecidas, como foi do Faraó; e se forem obrigados a libertar os seus escravos, os seus princípios permanecem inalterados e, se possível, farão o escravo sentir o seu poder opressivo. Parecia-me agora uma impossibilidade abolir a escravatura. Deus sozinho pode arrancar o escravo das mãos de seu opressor desesperado e implacável. Todo o abuso e crueldade exercidos contra o escravo são justamente imputáveis aos defensores do sistema escravista, sejam eles homens do Sul ou do Norte. (Testimonies, Volume 1 (1861), 266)

Já destacado a importância é o processo da guerra civil estadunidense, sua polarização, forças políticas, forças bélicas e articulações interestaduais, há uma tendência quase que predominante em culpabilizar o Sul, única e totalizante pelo conflito. Mas nessa conjuntura há uma importante observação. O Sul, segundo a autora em seu pensamento social e teológico, havia realizado pecado em todos o complexo sistema escravocrata e o Norte compartilhava do delito por tolerar tal atitude (white, 2007).

A escritora recebeu um número considerável de visões sobre a Guerra Civil, com destaque sobre a batalha de Manassas, na Virgínia. Enquanto estava na reunião em Roosevelt, Nova York, no dia 3 de agosto de 1861, ela presenciava na visão a punição que o Norte receberia por suas atitudes em vista da omissão sobre a escravidão. E ela descreve com todos os detalhes de como aconteceu essa batalha.

Tive uma visão da trágica batalha de Manassas, na Virgínia. Foi a mais sangrenta e angustiante cena. O exército do Sul tinha tudo a seu favor e estava preparado para o terrível combate. O exército do Norte estava se movendo com triunfo, em nada duvidando de sua vitória... O súbito recuo das forças do Norte têm sido um mistério a todos. Eles não sabem que a mão de Deus se fez presente. A destruição do exército sulista foi tão grande que eles não tiveram do que se gabar (WHITE, 2007. p.266).

Essa batalha foi realmente sangrenta, de ambos os lados, o Norte e o Sul tiveram mais de 4.000 baixas (mortes) no total. Mas o Norte, nessas batalhas não tinha como o principal objetivo de acabar com a escravidão. Abraham Lincoln em uma carta que escrevera para o famoso jornalista da época Horace Greeley da York Tribune, o que deixa bem claro o porquê de Ellen White ter dito que o Norte estava tolerando tão longamente a escravidão.

O meu objetivo primordial nesta luta é salvar a União, e não é salvar nem destruir a escravatura. Se eu pudesse salvar a União sem libertar nenhum escravo eu o faria, e se eu pudesse salvá-la libertando todos os escravos eu o faria; e se eu pudesse salvá-lo libertando alguns e deixando outros sozinhos, eu também faria isso. O que eu faço sobre a escravidão, e a raça negra, eu

faço porque acredito que ajuda a salvar a União; e o que eu tolero, eu esqueço porque não acredito que isso ajudaria a salvar a União³⁶

Ellen White evidencia que a guerra, por um período considerável, não foi em favor da abolição da escravidão, conjuntura que revela uma de suas visões declarando, porque esse não ser, o real motivo, da insurreição que estava acontecendo nos Estados Unidos. Ela escreve o seguinte em (WHITE, 2007. p.266): “Foi me mostrado que se o objetivo dessa guerra tivesse sido eliminar a escravidão, se o Norte desejasse, a Inglaterra se disporia a ajudar”.

Conclusão.

Tendo em vista o processo analisado, e o duplo arranjo analisado do ponto de vista histórico e religioso, chegamos a conclusão que diante de uma sociedade que favorecia a escravidão, em um posicionamento menos veemente, até pela circunstância de nascimento institucional, dos adventistas do sétimo dia, fica claro um amplo contraste pela eminente voz religiosa de Ellen White, sendo abertamente contra escravidão por motivos morais, incompatível com sua visão religiosa, de igual forma por uma visão espiritual, essa entendida em aspectos experiencial, que diante de Deus é uma ofensa pelo esforço de criação e redenção do conjunto humano. Logo substancialmente pode-se afirmar que no núcleo criador dos adventistas do sétimo dia existe um caráter humano, igualitário e fraterno com amparo bíblico e profético posicionando-se diametralmente contra o escravismo estadunidense.

REFERÊNCIAS:

KARNAL, L et al. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVINS, A; COMMAGER, H. **A Pocket History of The United States**. Washington Square Press. New York, New York. 1981.

JUNQUEIRA, M. **Estados Unidos. A consolidação da nação**. São Paulo: Contexto, 2001

³⁶ CARTA DE ABRAHAM LINCOLN A HORACE GREELEY (1862): 22 DE AGOSTO DE 1862

DOUGLASS, H. **A Mensageira do Senhor**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

SCHWARZ, R; GREENLEAF, F. **Portadores de Luz**: História da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2009.

EISENBERG, Peter L. **Guerra civil americana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982

FORTIN, D; MOON, J. **Enciclopédia Ellen G. White**. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

CARVALHO, J,M. Pontos e Bordados. **Escritos de História e Política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

TADMAN, M. **Speculators and slaves**: masters, traders, and slaves in the Old South. Madison: University of Wisconsin Press, 1989.

KRAUSE, T. A formação de uma classe dominante: a gentry escravista na América Inglesa Continental (Chesapeake & Lowcountry, c. 1640-c. 1750). *História Unisinos*, v. 17, n. 1, p. 12-23, 2012.

WALKER, W. **História da Igreja Cristã**. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2006.

GONZALEZ, J. L. **Uma história ilustrada do Cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

WHITE, E. **Testemunho para igreja volume 9**. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2007